

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DF

Projeto de pesquisa para o Programa de Pós-Doutorado

ANÁLISE DA TEORIA DO CONHECIMENTO DO MESTRE XUN

Candidato: Dr. Matheus Oliva da Costa

Supervisor: Prof. Dr. Osvaldo Pessoa Jr.

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Unidade: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH

Departamento: Departamento de Filosofia – DF

Linhas de Pesquisa: Lógica, Filosofia da Linguagem e Filosofia das Ciências

Título do Projeto de Pesquisa: “Análise da teoria do conhecimento do Mestre Xun”

SÃO PAULO – SETEMBRO DE 2020

SUMÁRIO

RESUMO.....	2
1. INTRODUÇÃO	3
1.1. JUSTIFICATIVA	7
1.2. SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL	8
2. OBJETIVO	11
3. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO	12
4. METODOLOGIA	13
5. RESULTADOS ESPERADOS	14
5.1. PUBLICAÇÕES ESPERADAS.....	14
5.2. PLANO DE ATIVIDADES INSTITUCIONAIS	14
REFERÊNCIAS	15
Fontes Primárias (textos antigos originais ou traduzidos).....	18

RESUMO

A filosofia da ciência teve profundos avanços no último século, com contribuições de nomes como Bachelard, Fleck, Popper ou Kuhn, que concentraram seus trabalhos principalmente em torno de questões das ciências naturais ou físicas. No entanto, ainda há muito para ser compreendido em relação às próprias “humanidades” ou ciências humanas, incluindo aqui a própria filosofia acadêmica. Faltam também estudos sobre outras perspectivas de construção de conhecimentos acadêmicos realizados em outras culturas para além da europeia. O presente projeto busca suprir essa lacuna dos estudos filosóficos, históricos e sociais das ciências: a produção formal de pensadores de culturas da antiguidade para além da grega e romana. Escolhemos uma obra da antiguidade chinesa, o Xúnzi 荀子, que traduzimos e abramos como “mestre Xun” (310-211 AEC), e que é considerado o terceiro maior filósofo confuciano. Nosso interesse em estudá-lo se justifica por ele ser um dos pensadores mais sistemáticos na China antiga, tendo desenvolvido toda uma argumentação formal às suas teses na primeira experiência acadêmica desse contexto, a Academia Jixia, durante o período conflituoso dos Estados Combatentes (403-221 AEC). Sua obra é vista como tendo equivalências com o que chamamos atualmente de “filosofia da linguagem”, “filosofia da educação”, “lógica”, “epistemologia”, “política” e “ética”. Por esses e outros motivos, nos últimos anos suas ideias chamaram atenção tanto de filósofos como também de historiadores da ciência que estudam a China. É um autor-chave para compreender os principais debates da história das ideias antiguidade chinesa, devido a sua obra dialogar com maioria dos pensamentos da época. Para realizar a pesquisa teremos algumas referências bibliográficas fundamentais, sendo ela de dois tipos: (1) autores que traduziram, comentaram e/ou pesquisaram a obra do mestre Xun; e (2) nosso referencial teórico de teoria do conhecimento e das ciências, pautado principalmente nas ideias de Ludwik Fleck, Randall Collins e Robert Merton, autores que propõe leituras de teorias acadêmicas a partir de uma perspectiva de como cada autor responde ao seu contexto social. Partimos do seguinte problema de pesquisa: como a teoria do conhecimento do mestre Xun buscava responder aos desafios que seu contexto político e intelectual apresentava? Nossa hipótese é que ele sintetizou elementos provenientes das diversas ideias do seu contexto intelectual a partir de um eixo confuciano que integra estudo formal com ação social para produzir soluções teórico-práticas eficientes para aos conflitos bélicos e políticos do seu meio. Nosso objetivo é investigar a teoria do conhecimento do mestre Xun através de uma perspectiva que enfatize a leitura da sua filosofia em relação ao seu contexto histórico-sociológico-intelectual, tendo como foco o capítulo 22 (Nomeação Correta, Zhèngmíng 正名). Nossos métodos consistem principalmente em: (i) revisão bibliográfica sistemática; (ii) análise sócio histórica do texto a partir das referências bibliográficas fundamentais; e (iii) da tradução direta do texto original com suporte de traduções em língua inglesa. A presente pesquisa de pós-doutorado espera produzir dois tipos de resultados. O primeiro tipo consiste em publicações textuais acadêmicas, e o segundo tipo consiste no Plano de Atividades Institucionais, realizado através de divulgação do trabalho por pesquisa e extensão.

1. INTRODUÇÃO

Dentro do debate da filosofia, história e sociologia das ciências do último século há um considerável espaço para o estudo das ciências biológicas e físicas, sendo que grandes nomes da filosofia da ciência são formados nessas áreas. Os exemplos vão desde Charles Peirce, Karl Popper e até Thomas Kuhn. No entanto, pouco ainda foi explorado sobre o que podemos chamar de ciências que estudam questões humanas, seja em termos gerais, como “ciências humanas” (*Geisteswissenschaft*) ou “humanidades”, seja em termos específicos, como a linguística, sociologia ou filosofia. E, mesmo quando essas últimas produções são estudadas, são contadas quase exclusivamente apenas produções europeias ou norte americanas dos últimos séculos.

O presente projeto busca realizar um estudo justamente nesse “ponto cego” dos estudos sobre as ciências: a produção formal de pensadores de culturas da antiguidade para além da grega e romana. Para falar do caso brasileiro, a nossa Academia ainda tem uma lacuna de estudos de outras produções de conhecimento, incluindo a matriz chinesa de pensamento (Bueno, 2014). Dentre as múltiplas opções, escolhemos um autor confuciano da antiguidade chinesa, que abramos o nome como “mestre Xun”. A seguir vamos contextualizar brevemente esse autor.

Diante da situação de crise social que estava vivendo, Confúcio (551-479 AEC) foi um marco na história das ideias chinesas (Lau, 2007; Sinedino, 2012). Ele foi um dos primeiros a propor soluções vigorosas que uniam o que havia de mais tradicional com inovações do pensamento, na política e na educação (Ho, 1999a). Contudo, nos primeiros séculos sua mensagem sofreu muitas críticas de autores e grupos rivais, o que só aumentou durante o período chamado de Estados Combatentes (403-221 AEC). Nessa época emergiu tantas alternativas de soluções aos problemas sociais que desde a antiguidade falam de “cem escolas” de pensamento chinês.

Muitas vezes as disputas das “cem escolas” se davam através de obras que estavam geográfica e temporalmente distantes, ou seja, em contextos diferentes. Por exemplo, cerca de um século depois de Confúcio, Mêncio (372-289 AEC) foi o primeiro grande filósofo que defendeu as ideias do seu mestre diante dos primeiros críticos (Ho, 2006). Por outro lado, durante os Estados Combatentes houve iniciativas como a Academia Jixia (Jìxià Xuégōng 稷下學宮), local que reuniu diversos pensadores para formar novos eruditos e também para disputar patrocínio dos governantes. Foi exatamente nesse contexto politicamente turbulento, mas intelectualmente instigante, que nosso autor se destacou na história das ideias como o primeiro confuciano a escrever de maneira dissertativa, argumentativa e mais formal.

Xún Kuàng 荀況 viveu entre 310 e 211 Antes da Era Comum (AEC), conforme seu principal tradutor e comentador em língua inglesa, John Knoblock (1988). Por sua argumentação em defesa da “Escola dos Eruditos” (Rújiā 儒家, Ruísmo ou Confucionismo), é muitas vezes considerado o terceiro maior filósofo confuciano – atrás apenas do próprio Confúcio e de Mêncio. Dessa forma é mais conhecido como Xúnzi 荀子, que é também o nome da obra que lhe é atribuída, que significa “mestre Xun” – forma como preferimos nos referir a ele, por ser mais abrigada.

É um dos grandes pensadores do período de formação e formalização das ideias confucianas. Trata-se do pensador mais sistemático do início dessa tradição, pois em seu livro homônimo *Xunzi* sua escrita utiliza de um discurso que preza pela lógica sequencial dos argumentos, em comparação aos seus antecessores confucianos. Seu lugar no Confucionismo é ambíguo. Por um lado, não foi tão promovido pelo poder imperial como foram Confúcio ou Mêncio ao longo da história chinesa (Jiang, 1999, p. 38). Por outro lado, suas ideias serviram à China desde a primeira dinastia histórica até

por um milênio (Cheng, 2008, p. 258-259), tendo impacto também no ressurgimento dessa tradição em autores do século XXI, como Jiang (2013; Jiǎng Qìng 蒋庆 / 蒋庆).

Nas últimas décadas o mestre Xun voltou a chamar atenção de estudiosos da filosofia chinesa em todo o mundo. Ele é apresentado em todas as introduções à filosofia chinesa presentes em português (Kaltenmark, 1981; Granet, 1997; Cheng, 2008; Lay, 2009; Van Norden, 2018); bem como muitas das suas ideias são estudadas em artigos de revistas internacionais de filosofia, por exemplo, Van Norden (1992) ou Chong (2008). Suas ideias chamaram atenção não apenas de filósofos, mas também de historiadores da ciência, já que ele mereceu um tópico sobre sua teoria lógica-ética-epistemológica da “Nomeação Correta (Zhèngmíng 正名)” no livro *Science and Civilisation in China* (Needham; Harbsmeier, 1998).

Sobre sua obra e o capítulo central a ser pesquisado por nós, mostramos ao leitor agora uma breve síntese do *Xunzi*. A obra é uma reunião dos 32 “livros”, depois chamados de capítulos, que o mestre Xun escreveu ele mesmo durante a vida – ainda que os seis últimos possam ter coautoria de discípulos dele (Knoblock, 1988; Hutton, 2014). Passou por duas edições principais, a primeira durante a dinastia Hàn 漢 (206 AEC-220 EC) e a segunda durante a Táng 唐 (618-907). Ele tratou de diversos assuntos: educação, saúde, ética/moral, política e governo, economia, ciclos naturais, caráter (“natureza humana”), ritos sociais, música, poesia, filosofia confuciana e críticas às filosofias em geral da sua época. No entanto, sua teoria mais famosa é a já citada “nomeação correta”, do capítulo 22, e que agora vamos apontar algumas questões.

A teoria da nomeação correta ou “retificação dos nomes” é fundamentalmente de Confúcio (2012), mas o mestre Xun se serviu de modo implícito também de outras filosofias (daoísta, moísta, e da escola dos nomes). Segundo Nivison (1999, p. 798, tradução nossa) a teoria é famosa por se adiantar “em parte à maneira moderna de

supor que toda filosofia ‘real’ é ‘filosofia da linguagem’”, mas sendo “um velho filósofo chinês fazendo isso” com mais de dois milênios de diferença. O mestre Xun afirmava claramente que os nomes são “fabricados” artificialmente, por convenção social, o que o levou a criar uma epistemologia ou teoria do conhecimento. Esse nominalismo, para ele, tem uma consequência social: nomes “corretos” criam realidades que beneficiam a sociedade e nomes confusos causam desordens. Vivendo em um período de muitas guerras e caos, era tudo o que ele queria evitar, o que o fez escrever com todo o potencial que tinha. Este capítulo é visto como a obra que mais colaborou para desenvolver a argumentação e sistematização da linguagem na China Antiga, comparável a Aristóteles no contexto helênico (Needham, Harbsmeier, 1998, p. 326).

Já de um ponto de vista do estudo da lógica, no sentido de uma ciência dos argumentos, a ideia “xunziana” da nomeação correta é uma adaptação confuciana dos quatro “ramos do conhecimento” moístas: discursos, argumentação, ciência e ética (Graham, 1989, p. 262-263; Nivison, 1999). Relativo aos três primeiros ramos ou disciplinas, o mestre Xun aponta respectivos erros (ou “falácias”): “usos confusos dos nomes que levam a tumultuar a linguagem” (falácias em discursos); “usos confusos [de objetos] da realidade que levam a tumultuar a linguagem” (falácias em argumentação); “usos confusos de nomes que causam desordem na realidade” (falácias em ciências) (nossa tradução do trecho 22.10 do Xunzi, 2006). Tudo isso, para ele, tem uma consequência ética: quem busca o ideal de sabedoria deveria rejeitar tais erros ou falácias e buscar realizar nomeações corretas que auxiliem toda a sociedade.

Tendo em vista a relevância desse autor, nessa pesquisa buscamos desenvolver um estudo sobre o pensamento do mestre Xun, mais especificamente sua teoria do conhecimento presente no capítulo 22. Para isso, buscamos referenciais teóricos em autores que propõe uma abordagem social ao estudo de teorias do conhecimento, com destaque para Ludwik Fleck (2010), Randall Collins (2000) e Robert Merton (2013).

Vamos utilizar de instrumentos analíticos que se mostrarem mais adequados em cada um deles para investigar a obra *Xunzi*, conforme aprofundaremos mais a frente.

O ponto central desses autores que sintetizamos é que uma forma de entender a produção de conhecimento de um autor passa pelo estudo da relação do seu contexto social com as suas ideias, tanto das suas referências de pensamento como das questões sociais que o rodeiam. Assim, partimos do seguinte problema de pesquisa: como a teoria do conhecimento do mestre Xun buscava responder aos desafios que seu contexto político e intelectual apresentava? Nossa hipótese é que ele sintetizou elementos provenientes das diversas ideias do seu contexto intelectual a partir de um eixo confuciano que integra estudo formal com ação social para produzir soluções teóricas e práticas eficientes para os conflitos bélicos e políticos do seu meio.

1.1. JUSTIFICATIVA

A escolha do “mestre Xun” como objeto de estudo se justifica principalmente em dois sentidos. O primeiro é que, numa perspectiva intercultural da filosofia (Dussel, 2000; Fornet-Betancourt, 2001; Garfield e Edelglass, 2011; Van Norden, 2017), faltam estudos sobre filosofia chinesa em língua portuguesa. Tendo em vista essa lacuna, o mestre Xun é um autor-chave para compreender os principais debates da história das ideias da China antiga. Ao almejar defender a sua escola (confuciana) diante das alternativas durante o seu período extremamente conturbado, ele acabou se confrontando com toda uma rede de estilos de pensamento diferentes (Cheng, 2008), além de acabar por desenvolver uma filosofia confuciana sistemática e lógica (Cheng, 2014; Hutton, 2016). Assim, ao estudar o mestre Xun, somos instigados a entender as ideias com que ele estava se apropriando ou negando, passando pelos “retóricos” (escola dos nomes), os moístas, os legalistas, os daoístas e os próprios confucianos

que ele discordava. Dessa maneira, nosso estudo pode servir como um impulsionador de mais estudos sobre pensamento chinês.

Já de um ponto de vista específico da filosofia da ciência, é notável a importância da obra *Xunzi* para o desenvolvimento do pensamento formal, acadêmico e lógico na China antiga, o que, por aproximação, chamaríamos de “ciências humanas”. A obra *Science and Civilisation in China* (Needham, Harbsmeier, 1998), iniciada por Joseph Needham, ficou conhecida pelo trabalho homérico de levantar as principais contribuições científicas produzidas pela civilização chinesa. Nela, nosso autor aparece como exemplo do desenvolvimento da “lógica” na antiguidade dessa cultura. No volume sete (7) da referida obra, posteriormente publicado por Christoph Harbsmeier, ao abordar a “linguagem e lógica”, o mestre Xun é evidenciado como um importante nome na história filosófica chinesa, mais especialmente, como um expoente da escola confuciana. Assim, estudá-lo significa lançar luz sobre a formação do discurso sistemático e formal no leste asiático, de culturas como da China, que ainda são pouco compreendidas no Brasil, mas que hoje tem fortes relações com nosso país.

1.2. SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Para realizar a pesquisa teremos algumas referências bibliográficas fundamentais, sendo ela de dois tipos. O primeiro tipo é constituído de autores que traduziram, comentaram e/ou pesquisaram a obra do mestre Xun. O segundo tipo é caracterizado pelo nosso referencial teórico sobre teoria do conhecimento e das ciências que servirá de base para analisarmos a obra que nos propomos a estudar.

No que concerne ao primeiro tipo, acima já mostramos que são de três subtipos – traduções, comentários e pesquisas –, e listamos a seguir os textos que pretendemos incluir em nossa revisão sistemática de literatura (ver metodologia). Além da fonte original disponível abertamente no website *Chinese Text Project* (Xunzi, 2006), quanto

às traduções, vamos nos concentrar apenas nas traduções da obra completa diretas do chinês para o inglês, que, no momento, tem as seguintes bibliografias: a primeira tradução completa ao inglês feita por John Knoblock (1988), a versão bilíngue feita a partir da tradução de J. Knoblock e revisada por Zhang Jue (1999), e a tradução completa mais recente de Eric Hutton (2014).

Quanto ao segundo subtipo, dos comentadores do mestre Xun, temos uma lista mais longa. Aqui incluímos principalmente comentários gerais sobre a obra do nosso autor publicadas em inglês (Knoblock, 1988; Jiang, 1999; Nivison, 1999, He; Peng, 2009; Cheng, 2014; Hutton, 2014, Golden, 2018). Também abarcamos as traduções ao português de textos que comentam o seu pensamento, normalmente em introduções ao pensamento chinês antigo (Kaltenmark, 1981; Granet, 1997; Cheng, 2008; Lay, 2009; Van Norden, 2018). Há, ainda, menções as suas teorias em publicações brasileiras, no caso, pelo historiador, filósofo e sinólogo André Bueno (2011a, 2011b), e pela educadora e sinóloga Ho Yeh Chia (1999b).

Já as pesquisas sobre Xunzi são bastante numerosas, e não temos intenção de abarcar todas elas. Nosso recorte se dá em produções em três línguas neolatinas que temos habilidade de leitura (português, espanhol e inglês), e com mais ênfase nas pesquisas que enfatizam ou o pensamento mais geral do mestre Xun ou sua teoria da nomeação correta. Exemplos que destacamos já nesse início de pesquisa são: Van Norden (1992), Djamouri (1993), Needham e Harbsmeier (1998), Nivison (1999), Chong (2008), Shen, (2013) e Huang (2014). Destacamos que, diante do crescente interesse internacional na obra *Xunzi*, isso fez surgir não apenas todas as bibliografias citadas, como também uma obra inteiramente dedicada ao mestre Xun em um compêndio de filosofia, o *Dao Companion to the Philosophy of Xunzi* (Hutton, 2016).

Temos ainda um segundo tipo de bibliografias fundamentais, que são nossas referências teóricas. Partimos do referencial central de Ludwik Fleck (2010), Randall

Collins (2000) e Robert Merton (2013), autores que propõe uma abordagem social ao estudo de teorias do conhecimento. Vamos utilizar os instrumentos analíticos deles que se mostrarem mais adequados em cada um deles para investigar a obra *Xunzi*, conforme exemplificamos a seguir.

Fleck (1896-1961) foi um médico judeu-polonês com deu uma relevante contribuição à teoria do conhecimento, e influenciou bastante as ideias sobre ciência de Thomas Kuhn (1998), que o destacou mundialmente depois de citá-lo em 1962. As ideias de Fleck (2010) publicadas na década de 1930, tal como comentam Cohen e Schnelle (1986) anteciparam em larga medida uma tendência que só foi amadurecida numa certa rede de autores no final do século XX. Trata-se da compreensão de que para entender como se forma e como funciona a produção de cada “estilo de pensamento”, é preciso entender a dimensão social em que este está inserido. Sabendo aqui dos limites de apontar os contornos de um “estilo” de pensamento (Pessoa JR; Prestes; Kaninski, 2020), a principal ferramenta dada por Fleck é a caracterização do “coletivo de pensamento” (Condé, 2010; Schäfer e Schnelle, 2010; Nogueira, 2012). Ou seja, para conhecer o estilo de pensamento do mestre Xun, investigamos quem é a comunidade que o cerca, suas referências centrais, seus vocabulários, o que eles destacam e rejeitam em termos de ideias e métodos.

Em convergência com essa forma de estudar o conhecimento e as ciências, temos como referência também a obra do sociólogo Robert Merton (2013), um pioneiro dessa perspectiva social dos estudos da ciência. De um lado, ele enfatiza que a ciência e outras formas de conhecimento formal não são independentes do seu ambiente social, mas sim dependentes dele em grande medida. Mais do que isso, ele mostra como antes da modernidade o conhecimento acadêmico era altamente dependente de apoios materiais e morais da sua sociedade, o caso do mestre Xun. Por outro lado ele aponta para o fato de que a comunidade acadêmica tem também um conjunto de

costumes e normas morais, que ele chama de *ethos* da ciência (Merton, 2013, p. 183). Utilizando de maneira adaptada ao contexto do nosso tema, poderíamos investigar qual era o *ethos* da Academia Jixia em que o mestre Xun foi aluno e professor.

Randall Collins (2000) nos fornece algo ainda mais específico ao nosso tema: ferramentas para analisar socialmente uma filosofia. Ele entende que as filosofias em todo o mundo foram construídas por meio de redes de interação rituais entre filósofos, sendo que estes não apenas trocavam ideias, como também competiam entre si. Sua visão sociológica da filosofia tem uma perspectiva mundial e intercultural, o que o fez incluir o estudo da rede de filósofos e de centros intelectuais na China antiga. Sua teoria das redes de interações rituais entre filósofos nos interessa não apenas pelo potencial heurístico, como também por citar diretamente o mestre Xun, que estava altamente inserido numa rede de debates.

2. OBJETIVO

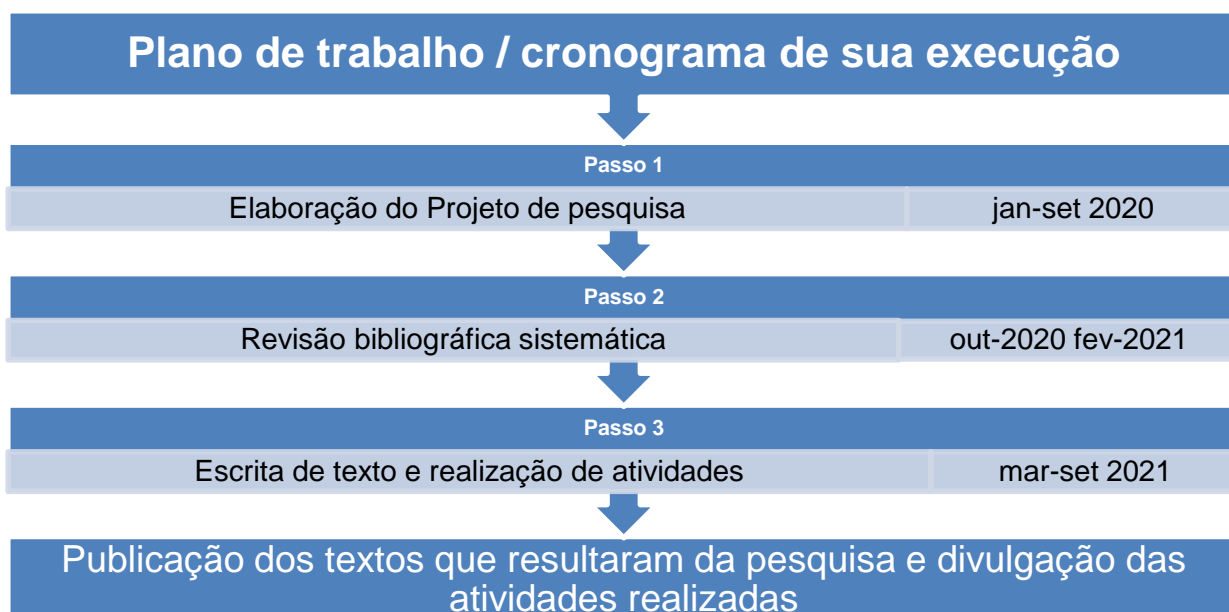
Ao realizar uma pesquisa é importante partir de uma fonte material, tendo um objeto material de estudo. No nosso caso, está claro que vamos estudar o livro homônimo do mestre Xun, o *Xunzi*, com ênfase no capítulo 22 “Nomeação Correta (Zhèngmíng 正名)”. Este capítulo concentra a vários aspectos do pensamento desse autor, e é exatamente onde ele mais desenvolve sua teoria da “nomeação correta”. Contudo, sempre que necessário vamos recorrer também aos outros capítulos: por exemplo, o capítulo 1, em que ele aborda um método de aprendizagem, ou o capítulo 5, em que ele aborda um método eficaz de realizar um discurso.

Sabemos que toda obra, mesmo individual, é fruto de um contexto – ideia que proporciona um olhar simultaneamente filosófico, histórico e sociológico sobre a produção literária erudita ou intelectual. No que concerne à China, a sinóloga Anne

Cheng (2008, p. 30) afirma, os “textos chineses se aclaram desde que se saiba a que eles respondem” – uma postura metodológica de validade universal. Tendo em vista a necessidade de entender o contexto social do mestre Xun como algo central para nos aproximarmos das suas ideias, usaremos as ferramentas analíticas dos autores citados no tópico anterior (Fleck, Merton e Collins) e os comentadores do próprio *Xunzi*. Assim, diante desse objeto claramente definido, temos como objetivo investigar a teoria do conhecimento do mestre Xun através de uma perspectiva que enfatize a leitura da sua filosofia em relação ao seu contexto histórico-social-intelectual.

3. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO

Nosso plano de trabalho começa já na própria realização do presente projeto, sua continuidade (se aprovado) através da revisão bibliográfica sistemática sobre o nosso tema, escrita das produções textuais e oferta de atividades e serviços, como pode ser visto com mais detalhes no tópico seguinte (resultados esperados). Segue abaixo um fluxograma da relação entre os elementos do nosso plano e as datas previstas para sua execução.



4. METODOLOGIA

Nossos métodos consistem principalmente em: (1) revisão bibliográfica sistemática; (2) análise sócio histórica do texto a partir do referencial teórico escolhido e dos interpretes do autor; bem como (3) da tradução direta do texto original com suporte de traduções em língua inglesa.

Vamos realizar a revisão bibliográfica de tipo sistemática. É a metodologia mais adequada para direcionar a nossa pesquisa tanto no sentido de ser mais organizada e reproduzível, como também por ser mais pertinente para responder ao nosso problema de pesquisa (Rother, 2007). A nossa revisão parte da bibliografia que conhecemos atualmente, em que destacamos o *Dao Companion to the Philosophy of Xunzi* (Hutton, 2016). Contará também com seis meses de busca em plataformas online de fontes de dados acadêmicos (Scielo e Google Scholar) pelos termos “xunzi”, “xun zi”, “xun kuang” e “hsun tzu”, nas seguintes línguas: inglês, espanhol e português.

Quanto à análise, nossos referenciais teóricos são autores que propõe uma abordagem social ao estudo de teorias do conhecimento. De Fleck (2010) utilizaremos as ideias de estilo de pensamento e do coletivo de pensamento. Merton (2013) nos auxilia a pensar a intensa relação entre o contexto social e a obra acadêmica, bem como a formação de um *ethos* acadêmico composto de costumes e normas. Já Collins (2000) nos fornece a ideia de “redes de interação rituais” para pensar filosofias, algo que ele mesmo já aplicou à análise da filosofia chinesa antiga.

Por fim, vamos realizar uma tradução direta do texto original *Xunzi* em chinês antigo com suporte de traduções disponíveis em língua inglesa. Lembramos que o livro é de um tamanho considerável, e que vamos focar nos argumentos do capítulo 22 “Nomeação Correta (Zhèngmíng 正名)”. Por isso planejamos traduzir apenas este capítulo ao português, ainda que possamos incluir outros trechos.

5. RESULTADOS ESPERADOS

A presente pesquisa de pós-doutorado espera produzir dois tipos de resultados. O primeiro tipo consiste em publicações textuais acadêmicas, e o segundo tipo consiste no Plano de Atividades Institucionais. A seguir vamos detalhar o que esperamos para cada um dos tipos de resultados.

5.1. PUBLICAÇÕES ESPERADAS

Em relação aos resultados escritos, trata-se, sobretudo, de publicações acadêmicas. A principal meta é publicar através do formato de artigo em periódicos universitários da área de Filosofia, podendo incluir também capítulos de livros, verbetes de enciclopédias e dicionários ou a possibilidade de um livro. Esse é a primeira forma de resultados esperados que buscaremos desenvolver com essa pesquisa de pós-doutorado por, pelo menos, um ano de duração.

5.2. PLANO DE ATIVIDADES INSTITUCIONAIS

Com a intenção de proporcionar retornos dos resultados (parciais e finais) da pesquisa para a comunidade da USP, em conformidade com a Resolução CoPq N° 7660/2019, planejamos três formas de atividades. (1) Faremos apresentação da pesquisa em eventos acadêmicos disponíveis ao longo do tempo da pesquisa. (2) Nos propomos a fazer parte da organização do evento já tradicional “Jornada de Filosofia Oriental da USP e Congresso Internacional da ALAFI”. (3) Propomos realizar pelo menos um evento de extensão sobre o tema da pesquisa, uma conferência aberta ou minicurso, de maneira que os resultados possam ser difundidos também para um público mais diverso, como os graduandos do curso de Filosofia e de Letras Chinês, ou para demais interessados(as) de dentro e de fora da comunidade universitária da USP.

REFERÊNCIAS

- BUENO, André. Sobre a Real Natureza Humana. In BUENO, André. **Dez Lições de Filosofia Chinesa**. São Paulo: Agbook, p. 35-40, 2011a.
- _____. **A Educação Chinesa na visão Confucionista**. Online: EducArte, 2011b.
- _____. Confúcio no Brasil: um problema literário e epistemológico. In: BUENO, A.; SKREPETZ, I.; MOREIRA, C.; ESTACHESKI, D.. (Org.). **Imagens da América Latina**. União da Vitória: Edições Guari, pp. 112-128, 2014.
- CAMPANY, Robert. Xunzi and Durkheim as theorists of ritual practice. In GRIMES, Ronald L. (Ed.). **Readings in ritual studies**. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, pp. 87-103, 1996.
- CHENG, Anne. **História do pensamento chinês**. Tradução Gentil Evelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHENG, Chung-ying. Xunzi as a Systematic Philosopher: Toward Organic Unity of Nature, Mind, and Reason. In: SHEN, Vincent (Ed.). **Dao Companion to Classical Confucian Philosophy**. Springer, Dordrecht, 2014. p. 179-199.
- CHONG, Kim-chong. Xunzi on Human Nature. **Confucian Ethics in retrospect and prospect**, series III, v. 27, 2008, p. 93-112.
- COHEN, Robert Sonné; SCHNELLE, Thomas. **Cognition and fact: materials on Ludwik Fleck**. Dordrecht: Reidel Publishing, 1986.
- CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. Prefácio à edição brasileira. Em: FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, pp. vii-xv, 2010.
- COLLINS, Randall. **The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change**. Cambridge and London: The Belknap Press, 2000.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. Em: LANDER, Edgardo, Lander (org). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Ediciones CLACSO, pp. 55-70, 2000.
- FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- _____. **Genesis and development of a scientific fact**. Univ. of Chicago Press, 1979.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. La filosofía intercultural desde una perspectiva latinoamericana. **Diálogo Filosófico**, v. 51, p. 411-426, 2001.

- GARFIELD, Jay L.; EDELGLASS, William (Eds.). **The Oxford Handbook of World Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- GOLDIN, Paul R. Xunzi. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Online, 2018.
- GRAHAM, Angus Charles. **Disputers of the Tao: Philosophical argument in ancient China**. La Salle (EUA): Open Court, 1989.
- GRANET, Marcel. **O Pensamento Chinês**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HE, Zhaowu; PENG, Gang. **A Critical History of Classical Chinese Philosophy**. Beijing: New World Press, 2009.
- HO, Yeh Chia. **Antropologia filosófica e fundamentos de educação nos *Analectos de Confúcio***: subsídios para um estudo comparativo intercultural. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 1999a.
- _____. Fingir e Educar–Imitar e Aprender (o wei na educação clássica chinesa). São Paulo, **Revista Videtur**, n.8, on-line, 1999b. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur8/fingir.htm>>. Acesso em 17 set. 2020.
- _____. **O resgate do coração perdido: virtude e justiça na educação menciana**. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2006.
- HUANG, Chun-chieh; TUCKER, John Allen (Ed.). **Dao Companion to Japanese Confucian Philosophy**. Ebook: Springer Netherlands, 2014.
- HUTTON, Eric L. Introduction. In: XUNZI. **Xunzi: The complete text**. Translated and with an introduction by Eric L. Hutton. Princeton: Princeton University Press, pp. 10-37, 2014.
- _____. (Ed.). **Dao Companion to the Philosophy of Xunzi**. Ebook: Springer, 2016.
- JIANG, Jiansong. Introduction. In XUNZI. **Xunzi** (v. 1). Translated into English by John Knoblock, translated into Modern Chinese by Zhang Jue. Changsha/Beijing: Hunan People's Publishing House/Foreign Languages Press, p. 29-47, 1999.
- JIANG, Qing. **A Confucian constitutional order: How China's ancient past can shape its political future**. Edited by Daniel A. Bell and Ruiping Fan, Translated by Edmund Ryden. Princeton / Oxford: Princeton University Press, 2013.
- KALTENMARK, Max. **A Filosofia Chinesa**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

- _____. Foreword. FLECK, Ludwik. **Genesis and development of a scientific fact.** The University of Chicago Press, 1979.
- LAY, Karyn L. **Introdução à filosofia chinesa:** Confucionismo, Moísmo, Daoísmo, e Legalismo. São Paulo: Madras, 2008.
- LAU, D. C. Introdução, notas, apêndices e tradução. In: CONFÚCIO. **Os Analectos.** Tradução, introdução e notas de D. C. Lau. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
- MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência.** Organização e posfácio por Anne Marcovich e Terry Shinn. Editora 34, 2013.
- NEEDHAM, Joseph; HARBSMEIER, Christoph. **Science and Civilisation in China:** Volume 7, The Social Background, Part 1, Language and Logic in Traditional China. Cambridge–UK: Cambridge University Press, 1998.
- NOGUEIRA, Fernanda Schiavo. **Ciência e linguagem:** Fleck e o estilo de pensamento como rede de significados na ciência. 2012. (Dissertação) Mestrado em História. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- NIVISON, David Shepherd. The Classical Philosophical Writings. In: LOEWE, Michael; SHAUGHNESSY, Edward L. (Eds.). **The Cambridge history of ancient China:** From the origins of civilization to 221 BC. Cambridge University Press, pp. 745-812, 1999.
- PESSOA JR, Osvaldo; PRESTES, Maria Elice Brzezinski; KANINSKI, Bruno. Estilos complexos na atividade científica da biologia contemporânea. In: O'Lery, M.; Federico, L.; Ariza, Y. (Org.). **Filosofía e Historia de la Ciencia del Cono Sur - Selección de trabajos del XI Encuentro de la Asociación de Filosofía e Historia de la Ciencia del Cono Sur.** Buenos Aires e São Carlos (SP): Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), p. 611-623, 2020.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.
- SCHÄFER, Lothar; SCHNELLE, Thomas. Introdução–Fundamentos da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência. Em: FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico.** Belo Horizonte: Fabrefactum, pp. 1-36, 2010.
- SHEN, Vincent (Ed.). **Dao Companion to Classical Confucian Philosophy.** Ebook: Springer, 2013.
- SINEDINO, Giorgio. Introdução. Em: CONFÚCIO. **Os Analectos.** Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora UNESP, pp. xvii-xxx, 2012.
- VAN NORDEN, Bryan W. **Introdução à Filosofia Chinesa Clássica.** Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **Taking back philosophy: A multicultural manifesto.** New York: Columbia University Press, 2017.

_____. Mengzi and Xunzi: Two views of human agency. **International philosophical quarterly**, v. 32, n. 2, pp. 161-184, 1992.

Fontes Primárias (textos antigos originais ou traduzidos)

CONFÚCIO. **Os Analectos.** Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

KNOBLOCK, John (ed.). **Xunzi: A translation and study of the complete works.** Stanford: Stanford University Press, 1988.

XUNZI. **Xunzi** (v. 1). Translated into English by John Knoblock, translated into Modern Chinese by Zhang Jue. Changsha/Beijing: Hunan People's Publishing House/Foreign Languages Press, 1999a.

XUNZI. **Xunzi** (v. 2). Translated into English by John Knoblock, translated into Modern Chinese by Zhang Jue. Changsha/Beijing: Hunan People's Publishing House/Foreign Languages Press, 1999b.

XUNZI. **Xunzi: The complete text.** Translated and with an introduction by Eric L. Hutton. Princeton: Princeton University Press, 2014.

XUNZI 荀子. In: STURGEON, Donald. **Chinese Text Project (中國哲學書電子化計劃).** 2006. Disponível em <<https://ctext.org/xunzi>>. Acesso em: 28/07/2020.